

CRÔNICA DE UM HOMEM DE FUTEBOL

Rafael Fares*



* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, pesquisador do núcleo "Literaterras".

rafaelotavio@hotmail.com

*Homenagem ao meu pai e sua paixão:
Clube Atlético Mineiro*

Hoje é dia de jogo! desde que acordou, sentiu que era dia de jogo. Ele estava animado. Levantou, o sol já estava a pino. Colocou short e foi comer. Primeiro como, depois leio o jornal sobre o jogo, corro, volto e almoço. E ali, por volta das 14hs, ele pensava, já são quase 16hs, a hora do jogo.

Naquele dia seu time perdeu e tudo depois das 16hs não passou a valer. A noite chegou fria e sem graça. Naquele dia, a cerveja me trouxe sonolência e eu, já desanimado, resolvi fazer uma horinha para, enfim, ir dormir.

Perder o jogo é quase perder o dia. Vibrar, vibrar de verdade mesmo, é quando o time ganha.

O time é espelho da alma.

Pô, timão no céu e timão na terra.

É realmente, posso dizer, bem do fundo de mim, que realmente é assim, é lá no meu ser que está localizado o futebol. Vibro conforme esse jogo de azar me consome. É paixão, é mesmo paixão, e eu não tenho o que fazer.

A semana começa assim: segunda, ver os comentários do dia anterior.

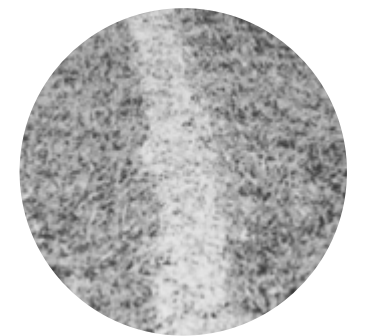
São vários os jornais e jornalistas existentes, cronistas do futebol.

Normalmente, são homens de todas as idades e que, raras exceções, não jogam mais o esporte. É um dia sem graça. Somente quarta-feira haverá um novo jogo. Talvez seja o maior espaço entre jogos.

Terça, às vezes, tem jogo. Não é nada de mais. Mas vejo. Só para passar o tempo. Jogos bons podem acontecer em qualquer ocasião. Não importa a qualidade das equipes, mas a relação entre elas. Dois times ruins podem fazer um grande jogo. Aprendi isso torcendo por meu time. Já tive muita esperança de figurar entre os grandes. Ahhhh... porém isso nunca aconteceu. Meu time perde essa para ganhar a próxima e assim sucessivamente.

Quarta é dia de jogo. Animado, claro. Colocou a camisa por debaixo da camisa do trabalho. Caso acontecesse de ficar mais um pouco ele poderia escutar o começo do jogo no trabalho e caso saísse um gol, ele comemoraria só com sua camisa. Às vezes eu fazia isso também, porque depois do trabalho, vou jogar bola. Adoro jogar futebol. Talvez seja melhor jogar do que ver. O problema é o corpo, quando ele vira carcaça é difícil. Fico todo lento e tenho preguiça.

Chega a hora do jogo. Ele pode sair no horário e está em casa. Tem sua poltrona. Prepara um tira-gosto. Abre uma cerveja. Comprou uma nova e quer experimentar. Senta na poltrona, herdada de seu avô, e liga o televisor. São apenas 90 minutos da minha vida. O que são 90 minutos?, nada,



quando podemos ver toda uma história com clímax e desfecho digna de um romance.

Nesse dia, o time de nosso personagem perdeu de novo. De novo, de novo. O dia ganhou ares acinzentados. Era inverno. O sono buscava o corpo cansado. Muito sofrimento. Uma tensão constante durante 90 minutos. E frustração. Ah!, bem melhor seria poder viver em paz, juro, pra mim mesmo. Não verei mais os jogos deste turno. Mais vale tudo que a vida pode nos oferecer.

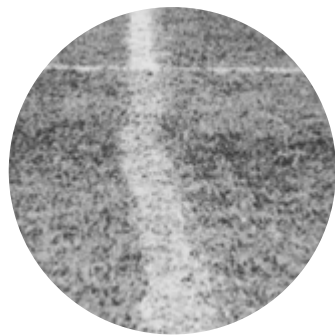
Uma caminhada de 90 minutos cheia de coincidências e cenas inusitadas alimenta uma pessoa por dias, semanas. Nesse dia eu saí do trabalho e resolvi passar em casa. Eu iria me aprontar e sair. Lembro do *flyer* da festa, fiquei com muita vontade. E por um acaso, do algo que não sabemos, vem e pronto. Chego em casa quase na hora do jogo. Comer e assistir, pelo menos, o primeiro tempo.

A quinta-feira quase nunca tem jogos. Ela tem a função da terça. A semana segue sua geometria em sete. Criando sempre agrupamentos irregulares. Posso ver um joguinho só para passar o tempo. Só se não tiver nada. Zen. Às vezes vem zen. Ficar ali em frente a uma tela, e não acontecer nada. O pensamento concentra naquele movimento e dali o nada estabelece. Mas do nada: o tudo. Tenho várias ideias. O jogo é uma forma de meditar. Não penso em nada. Jogos que não são os meus.

Os jogos apaixonados, visíveis, são os que os amigos se encontram. Aqueles são oficiais e todos querem estar ali. Com potencial de catarse elevado, esses jogos podem causar verdadeiras membranas de memória coletiva. Uma alimenta a outra, e esses cartazes se aprofundam.

Sexta-feira é dia de outras coisas. É o dia da noite. Afinal, as garotas precisam ser apreciadas como um golaço. A jogada redonda e plasticamente linda. Isso dizia um comentarista. Saía sempre com o corpo aquecido. Sensação de ter saído de um grande jogo. Onde há muita emoção acumulada. Lembro-me de um jogo que meu pai me levou. Nosso time perdia por 2 x 0 quando meu pai resolveu que iríamos embora. Concordei, pois sempre soube que as saídas eram conturbadas. Quando chegamos ao estacionamento, o timão diminuiu, quando entramos no carro, empatamos. Voltamos ao som de Sinatra com a estrada vazia e nesse estado.

O sábado não era dia de jogo, mas passou a ser. Têm jogos em horários variados. Isso fez com que ficássemos mais tempo vendo futebol. O olho é forçado e quase fica quadrado. Sábado, quem sabe sábado. Parece que sábado é mais fácil de ganhar. É um dia com menos responsabilidade para os times. Sei lá. O fato que depois do sábado ainda tem o domingo. O jogo é aperitivo para as *nights*, que devem ser sempre ótimas no sábado. Meu time perde constantemente, mas o dia é



sábado, e talvez seja essa a única noite, que não é abalada por uma derrota em campo.

O domingo é o dia clássico. Deve ser o dia que ocorrem os maiores clássicos. Todo clássico que me lembro era domingo, ou quase. Teve um clássico na quarta, aquele timão e capuchinhos, um ou outro no sábado, mas são quase todos no domingo, dia de ir para o estádio. Vamos cedo. Tomamos uma cerveja na entrada. Fazemos nossas apostas. Os meninos tomam picolé. Lá dentro comemos um PF e entramos para a arena. Adoro a chegada, quando o gramado vai se revelando como numa câmera de cinema que se movimenta. Aí vemos as torcidas naquela visão ampla do estádio. É um espetáculo. Sempre digo que talvez seja o acontecimento que temos mais próximo do teatro grego, talvez mais do Coliseu, de todo jeito imponente. Homens arrebatados pela paixão e pelo sentimento de coletivo com um grupo e inimigo com outro. Cantam, vibram, apitam e choram. Centenas, milhares, milhões. Ali estão guardadas infinitas expressões de riso e angústia. Um ganha e o outro perde. Às vezes sem sal, outras com notas de uma sinfonia perfeita, apresentada pelo ser humano. Um balé menos violento fisicamente do que o dos nossos antepassados romanos. Porém, mais agressivo quanto ao *marketing* e lógica do mercado. Uma pirâmide que no Brasil cria o centro das atenções e move a nação. Elo forte, opressivo. A volta é quase sempre cansativa e com frequentes brigas. Os corpos estão

desgastados de emoção e a falta de resistência não suporta os encontros. Olhos tomados de fúria, agora sim se digladiam e muitas vezes destroem as cidades.

Retornamos ao início do ciclo: segunda-feira. Ver os comentários do teatro futebolístico que vimos no dia anterior. Teatro complexo, cheios de variantes máscaras. Dono de um poder narrativo sedutor. Tudo envolto de um componente mágico e impalpável: o acaso ou a sorte. Aquilo que não se detém. Por mais que tudo seja combinado, almas fracas compradas, existe o inesperado humano. Enquanto um time desprezioso adquire força conjunta e desponta, numa saga maravilhante, outro não se imanta de sorte de maneira nenhuma. E acontece com este segundo caso o que chamam, na linguagem do futebol, o “que dá tudo errado”. Tudo pode estar armado perfeito, o esquema tático, a torcida, as presenças sagradas, mas o time não ganha.

Finjo que desistirei de ver por mais uma vez, mas de canto de olho, com radinho escondido, acompanho com esperança que um dia a moeda vire e eu posso ter um dia melhor.

